

**Narrativas sobre Revolução: a desapropriação do Engenho Galiléia, as Ligas
Camponesas e as disputas políticas em Pernambuco, 1959 a 1962.**

Pablo Francisco de Andrade Porfírio*

Resumo: Esse trabalho analisa o período pré golpe de 1964, buscando entender como o Nordeste – e especificamente Pernambuco, após a desapropriação do Engenho Galiléia em fevereiro de 1960 - foi se tornando cada vez mais o centro das atenções de setores sociais locais, nacionais e internacionais (notadamente os EUA), os quais tinham medo de que uma revolução comunista ocorresse naquela região do Brasil.

Palavras-chave: Nordeste; Revolução; medo.

Abstract: and specifically Pernambuco, after the expropriate of Engenho da Galiléia in february 60's, became the center of the atencions of the social, national and international sectors (specially the USA) that ones were afraid of a comunist revolution apeared in that Brazilian's region.

Keywords: northeast, revolucion, fear

1 - Após a vitória...

A desapropriação do Engenho Galiléia, aprovada em dezembro de 1959 pelos deputados estaduais de Pernambuco e sancionada em fevereiro do ano seguinte pelo governador Cid Sampaio, possibilitou uma maior notoriedade, tanto nacional quanto internacional, para o movimento dos camponeses em Pernambuco. No início dos anos 60, as Ligas Camponesas intensificaram o seu processo de expansão e se instalaram em diversos municípios do Estado, assim como passaram a realizar suas atividades na Paraíba, tendo como destaque a Liga Camponesa de Pedra de Fogo, fundada em 1962. Para Fernando Azevedo, “a vitória, no caso Galiléia, deu não só notoriedade nacional às Ligas, como se constitui num fator importante para a sua expansão em Pernambuco, na medida em que a desapropriação funcionou como um mecanismo de efeito-demonstração para os camponeses”. (AZEVEDO, 1982:86)

O efeito-demonstração talvez não se direcionasse apenas para os camponeses, os quais teriam passado a acreditar, apoiar e participar com mais intensidade das atividades desenvolvidas pelas ligas, como sugere Fernando Azevedo. Esse efeito-demonstração, contudo, atingiu também diversos outros setores sociais, os quais passaram a observar com mais atenção e receio as ações desenvolvidas pelo movimento de camponeses no interior do

*Mestrando em História pela UFPE com o apoio financeiro do CNPq.

Estado. Essa observação, todavia, não começou a ser realizada apenas por parte da sociedade local e nacional, mas também no exterior do país, visto que diversas reportagens passaram a ser publicadas em jornais internacionais, acerca da mobilização camponesa no Nordeste do Brasil, principalmente através da ação das Ligas Camponesas.

Em outubro de 1960, o jornalista do *The New York Times*, Tad Szulc, foi enviado a região Nordeste, notadamente a Pernambuco, para observar de perto os movimentos sociais organizados pelos camponeses e que ganhavam tanta repercussão. O jornalista americano conheceu o Recife e fez algumas entrevistas com funcionários da prefeitura. Além disso, Tad Szulc visitou o Engenho Galiléia e conversou com alguns dos integrantes da Liga Camponesa sediada no engenho, o qual tinha sido desapropriado em favor dos camponeses no início daquele ano.

O resultado dessa viagem ao Nordeste do Brasil foi dois artigos publicados no *The New York Times*, nos dias 31 de outubro e 1º de novembro, de 1960, sendo que o primeiro ocupou com destaque a capa do citado jornal e tinha como título “*A pobreza do Nordeste do Brasil gera ameaça de Revolta*”.

No começo da reportagem, afirmava o jornalista norte-americano:

“Os componentes de uma situação de revolução tornam-se cada vez mais visíveis na vastidão de um Nordeste brasileiro assolado pela pobreza e perseguido pela praga da seca. [...] A miséria como questão social é explorada através de uma crescente influência esquerdista nas cidades superpovoadas. As Ligas Camponesas infiltradas por comunistas que organizam e doutrinam, têm se tornado importante fator político nessa área. [...] O primeiro ministro de Cuba Fidel Castro e Mao Tse-Tung o Presidente da China Comunista são apresentados como heróis a serem imitados pelos camponeses do Nordeste e pelos estudantes.”¹

O início da matéria procura direcionar a percepção do leitor, apresentando um Nordeste do Brasil formado por componentes, os quais estavam potencialmente habilitados para promover uma situação de revolução, cujo resultado consistiria em acontecer na região uma revolução comunista. O jornalista norte-americano afirma que a pobreza manifestada em boa parte da população residente naquela área era utilizada por setores da esquerda, como as Ligas Camponesas, para propagar a doutrina comunista. Além disso, Fidel Castro e Mao Tse-Tung, representantes do comunismo, segundo Tad Szulc, eram apresentados como heróis e estavam sendo imitados por uma considerável parcela da população.

Diversos setores da sociedade norte americana, os quais estavam tendo o primeiro contato, através daquelas reportagens, com o Nordeste do Brasil, poderiam ter começado a pensar que os ditos heróis eram extremamente populares, conhecidos e idolatrados por quase toda a população e isso já era um bom argumento para validar a idéia de

1 *The New York Times*. Monday, October 31, 1960. p. 01. Arquivo Pessoal.

que as revoluções comunistas ocorridas em Cuba, em 1959, e na China, em 1949, poderiam estar também muito próximas de ocorrer naquela região do Brasil.

Para consolidar ainda mais esse seu argumento, Tad Szulc transcreve no decorrer de sua matéria a fala de um assessor de Francisco Julião, que afirmava aos camponeses, em uma determinada reunião:

*“O exemplo de Cuba está aqui. [...] Queremos uma solução pacífica para nossos problemas, mas se isso não for possível, viremos aqui pedir a vocês para pegar em armas e fazer a revolução”.*²

O Nordeste, especificamente Pernambuco, descrito no *The New York Times* apresentava-se como pré-revolucionário ou como estando em um processo de revolução quase que irreversível. Tal concepção do jornal gerou diversas ressonâncias e, no mínimo, podemos afirmar que a região e notadamente as Ligas Camponesas lideradas por Francisco Julião em Pernambuco passaram a ser um destacado motivo de interesse de parte dos norte-americanos.

Diversas expedições de jornalistas, políticos e professores passaram a visitar o Brasil e, notadamente, a área do país, que segundo as notícias, estava prestes a se tornar comunista, através de uma revolução.

02 – Os americanos encontram o Nordeste.

Em 1961, quando J. F. Kennedy já era o presidente dos Estados Unidos, o Nordeste do Brasil passou a ter destaque no plano de ações do governo dos Estados Unidos, de forma que algumas visitas de assessores diretos do presidente Kennedy ao Brasil, notadamente a Pernambuco, ocorreram com o objetivo de produzir relatórios sobre a situação da região e o economista Celso Furtado, presidente da SUDENE, foi convidado a fazer uma visita a Casa Branca, a fim de discutir as possíveis ações que poderiam ser realizadas em relação à situação de extrema pobreza no Nordeste do Brasil. (FURTADO, 1989: 109)

A opinião pública norte-americana a cada dia se interessava mais pelas informações sobre aquela região do Brasil marcada pela miséria. Matérias jornalísticas e documentários eram exibidos na imprensa mostrando, geralmente, a pobreza das pessoas e indicando que aquela situação era muito favorável para a ocorrência de um processo revolucionário, o qual findaria com a instalação de uma regime comunista. Em uma sociedade atemorizada com os caminhos trilhados pela Revolução Cubana e que se via as

2 *Ibidem* *Idem*, p. 04.

voltas com um forte movimento anticomunista, a idéia de que se poderia deflagrar uma outra revolução ao sul dos Estados Unidos despertava a atenção de várias pessoas.

É nessa condição que a jornalista norte-americana Helen Jean Rogers chega a Pernambuco para fazer um documentário sobre a mobilização social da população mais pobre da região e suas condições de vida. Segundo Celso Furtado, a jornalista, que trabalhava para a cadeia de rádio e televisão ABC, era bem relacionada com os integrantes do governo John Kennedy e visitou, em companhia do presidente da SUDENE, feiras da Zona da Mata de Pernambuco, entrevistando alguns camponeses, assim como acompanhou a mobilização do deputado Francisco Julião frente a alguns trabalhadores. Por fim, Furtado afirma também que Helen J. Rogers em sua visita teve a oportunidade de conhecer a casa de um senhor de engenho e ter contato com a fartura e o luxo da vida dessas pessoas. Com o material coletado nos diversos locais visitados, a norte-americana produz um média-metragem chamado *The Troubled Land*, exibido em horário nobre da ABC, obtendo extraordinária repercussão. (FURTADO, 1989: 109-110)

Não tivemos acesso ao documentário, mas podemos imaginar, a partir da descrição feita por Celso Furtado aliada a algumas experiências vividas pela jornalista no período que passou em Pernambuco, o que foi, em parte, apresentado pela correspondente da rede televisiva ABC.

Uma dessas experiências, provavelmente, deve ter ocorrido no dia 23 de fevereiro de 1961, quando a jornalista viu e ouviu Francisco Julião, em discurso no Alto do Pascoal, região norte do Recife, afirmar para os norte-americanos:

[...] em vez [de] visitarem os pontos chic da Cidade, deviam ir para Ilha de Xié para verem o povo e as crianças de Xié ali, morrem de fome á culpa do Governo e que o povo por este motivo, deviam unir-se e seguir o exemplo do grande Fidel Castro e para isto é que Sábado iria para Paraíba, arregimentar camponeses para uma futura revolução e que o Governo já tinha visto o exemplo do povo de Galiléia de Vitória [...].³

Logo após o discurso, os jornalistas norte-americanos dirigiram-se, em companhia de Francisco Julião, para a Ilha do Xié⁴, onde viram a pobreza dos moradores, os quais foram filmados e fotografados pelos jornalistas.⁵

Podemos imaginar o conteúdo do material resultante dessa visita de integrantes da imprensa norte-americana. A condição de miséria de grande parte da população, tanto rural quanto urbana, ganhava destaque e era apresentada em imagens, a partir de fotografias e

³ Ibid, idem.

⁴ A Ilha do Xié fica localizada na Região Sul da cidade do Recife, sendo composta por moradias precárias fixadas próximo ao mangue.

⁵ Transcrição da ocorrência n° 54, 23 de fevereiro de 1961. Coleção Francisco Julião - Prontuário Dops. Mp 01. FUNDAJ.

filmes. A veiculação de tal material na televisão, em horário nobre, fazia com que parte da opinião pública dos Estados Unidos se envolvesse no processo e exercesse, de certo modo, uma pressão sobre o novo Governo Kennedy, notadamente pelo medo de se ter uma nova revolução comunista no continente.

Essa situação adquiria um forte efeito de verdade. Para além das matérias veiculadas no *The New York Times*, agora setores da sociedade dos Estados Unidos poderiam ver a pobreza da região Nordeste do Brasil, assim como ver e ouvir as declarações de Francisco Julião, quando o mesmo afirmava a alguns trabalhadores de Pernambuco que esses deviam se organizar para seguirem o exemplo de Cuba e de Fidel Castro.

Para além disso, os norte-americanos poderiam também ver Julião assegurar que iria arregimentar mais camponeses, inclusive em um Estado vizinho a Pernambuco, a Paraíba, a fim de realizar uma futura revolução, algo considerado viável pelo deputado estadual, visto que a organização e mobilização dos trabalhadores do Engenho Galiléia já tinha proporcionado uma efetiva vitória, ou seja, a desapropriação dessas terras em favor dos foreiros.

03 – Dos Estados Unidos ao Engenho Galiléia.

No dia 30 de julho de 1961 o movimento de pessoas era intenso no Aeroporto dos Guararapes, no Recife. Diversas autoridades, integrantes do governo Cid Sampaio, se faziam presentes, especificamente, a espera de um vôo, cujo horário de chegada estava previsto para as 15 horas.

A expectativa em torno da chegada desse vôo era notória. Além de diversos integrantes do governo estadual estarem presentes no Aeroporto, todo um esquema de segurança tinha sido preparado e iria ser executado por policiais civis da Delegacia Auxiliar.⁶

O editorial do Jornal do Comércio do dia 30 tecia comentários sobre a visita que chegava ao Estado de Pernambuco naquela tarde, cujo significado seria o de:

*[...] uma verdadeira cruzada pela harmonia e coesão do mundo livre, sem intuítos belecistas, mas com propósitos firmes de, nessa unidade, formar uma barreira capaz de impedir que as liberdades humanas sejam sufocadas pela sanha de conquistas do imperialismo vermelho.*⁷

E ainda sobre a visita, continua:

6 Jornal do Comércio. 30 / 07 / 1961. p. 09..

7 Ibid. Idem. p. 04.

*Está visando o Nordeste particularmente, em vista das graves condições do pauperismo regional. Daí o motivo da visita [...].*⁸

O texto do Jornal do Comércio utilizou o termo cruzada, para caracterizar a visita que chegaria naquele dia 30, a qual tinha como objetivo de combate o “imperialismo vermelho”, isto é, o comunismo. O termo *cruzada* produz a idéia de salvação, ou seja, o dito visitante, mesmo sem utilizar recursos belecistas, iria salvar o Nordeste do dito avanço comunista, promovendo também o combate ao *pauperismo regional*.

O chefe dessa dita cruzada, que chegou ao Recife as 15 horas do domingo, era o senhor Edward Kennedy, irmão do presidente dos Estados Unidos. Logo após a chegada, provavelmente sob os olhares de muitos curiosos, o visitante e sua comitiva beberam alguns *drinks* no restaurante do próprio aeroporto e em seguida deslocaram-se para o Grande Hotel, onde ficaram hospedados.

Quais os significados produzidos para a visita do irmão do presidente dos Estados Unidos a Pernambuco naquele período? A priori, a visita de Edward Kennedy não tinha nenhum significado dado, contudo as relações nas quais a mesma estava inserida produziram alguns significados para a estada do representante norte-americano em Pernambuco. Nesse sentido pensamos tal momento levando em consideração o que nos afirma Foucault: “o problema é ao mesmo tempo distinguir os acontecimentos, diferenciar as redes e os níveis a que pertencem e reconstituir os fios que os ligam e que fazem com que se engendrem, uns a partir dos outros”. (FOUCAULT, 2002:05)

Entendemos a vinda do irmão do presidente Kennedy como um indicador de que o Nordeste, e mais especificamente Pernambuco, com as suas mobilizações sociais, chamavam cada vez mais a atenção do governo dos Estados Unidos, afinal de contas já era a segunda missão de caráter oficial em menos de um ano de governo Kennedy, onde se procurava observar de perto as condições de miséria, em que grande parte da população vivia em Pernambuco, e as quais vinham sendo amplamente divulgadas por diversos setores da imprensa norte-americana.

Na segunda-feira, dia 31, logo pela manhã, a comitiva de E. Kennedy rumou para Vitória de Santo Antão, onde Edward Kennedy teve a oportunidade de conhecer alguns integrantes da Liga Camponesa do Engenho Galiléia, o qual tinha sido desapropriado no ano anterior.⁹

Parece-nos que o irmão do presidente Kennedy veio a Pernambuco com o objetivo pré-determinado de conhecer pessoalmente a organização de camponeses, a qual era

8 Idem.

9 Jornal do Comércio, Op. Cit.

apontada por muitos como um foco de mobilização comunista e revolucionária. Ao chegar ao Engenho Galiléia, Edward Kennedy e as pessoas que o acompanhava, incluindo três fotógrafos e quatro cinegrafistas, dirigiram-se para a sede da Liga Camponesa, onde se encontraram com alguns camponeses. Estando o presidente da SUDENE, o senhor Celso Furtado atuando como tradutor, o irmão do presidente dos Estados Unidos passou mais de uma hora conversando com os camponeses, inclusive realizando diversas perguntas, as quais demonstram um pouco do interesse, que o governo norte-americano tinha em conhecer o movimento organizado pelos camponeses.¹⁰

O inquérito realizado com os camponeses era quase uma pesquisa de campo, ou seja, tanto Edward Kennedy, quanto os seus assessores, visitaram diversos camponeses, incluindo aqueles que estavam dentro de suas casas, e realizaram junto aos vários trabalhadores do campo perguntas semelhantes, as quais, acreditamos, já tinham sido pensadas em um momento anterior. Todas as respostas eram cuidadosamente registradas.¹¹

Entre as questões feitas aos camponeses estavam as seguintes; quantos filhos você tem? Seus filhos estão na escola? Que pretende fazer com seu filho quando ele crescer? Qual o seu partido político? Qual a solução que você acha melhor para o seu problema: a de Julião ou a do Governo?¹²

Não tivemos acesso às respostas dos camponeses, mas a partir das perguntas podemos pensar algumas questões. Em primeiro lugar, o interesse dos norte-americanos estava no grupo de pessoas, cujo desenvolvimento estava ocorrendo no Galiléia. Parecia ser importante rastrear quantos eram, que formação estavam recebendo e qual futuro os pais planejavam para os seus filhos. Torna-se importante percebermos que talvez em dez anos, ou menos, já se teria no Galiléia uma geração de jovens adultos, cuja formação de sua visão de mundo ocorreria nas relações que estabeleceu com todos aqueles, os quais lutavam por reforma agrária, reivindicavam melhorias nas condições de vida e conseguiram uma vitória que ganhou repercussão: a desapropriação do engenho no qual viviam.

Em segundo lugar, porém não situadas em uma posição menos importante, encontravam-se as preocupações com uma dimensão político-partidária. No que se refere a essa dimensão, podemos perceber que se tentou mapear a filiação partidária de alguns camponeses, assim como a aceitação que as propostas de Julião ou as do Governo Estadual tinham entre os moradores daquele engenho.

Essas informações obtidas por Edward Kennedy, provavelmente, juntaram-se

10 Idem.

11 Idem.

12 Ibid, idem.

com as outras produzidas pelas diversas visitas de integrantes do governo dos Estados Unidos ao Brasil no início do mandato de John F. Kennedy. Aliado a tudo isso, ainda tinham as informações publicadas em revistas, jornais e na televisão, os quais divulgaram reportagens e documentários sobre os camponeses do Nordeste do Brasil e as lutas sociais desenvolvidas pelos mesmos.

Além disso, a visita do irmão do presidente norte-americano, o qual colheu *in loco* diversas informações sobre a organização dos camponeses, ratifica a idéia de que o governo dos Estados Unidos, principal opositor do regime comunista, estava preocupado com a direção tomada pelo movimento dos trabalhadores no Nordeste e isso deve ter produzido ressonâncias em diversos setores sociais locais e nacionais, os quais acabaram por reforçar o sentimento de medo em torno de uma possível revolução nos moldes da que tinha recentemente ocorrido em Cuba.

O sentimento de medo e a idéia do perigo de uma revolução, anunciada a partir de uma dita intranqüilidade social a qual se estabelecia na região, foi um dos significados instituidor de um regime de verdade (FOUCAULT, 2002:12) acolhido por diversos setores sociais e que se encontrava relacionado intimamente com a mobilização dos camponeses e a desapropriação do Engenho Galiléia.

Isso pode ser observado não só nos discursos encontrados nos jornais, revistas e anais do legislativo estadual, mas também nas práticas relacionadas a tais discursos, as quais constituíram as ações de governos e de setores da sociedade que ratificaram e fortaleceram significados. Nesses o Nordeste é institucionalizado como um problema, composto pela situação de extrema pobreza da maior parte dos trabalhadores da região, que aos poucos vai sendo visto como promotor de uma revolução comunista.

Referências Bibliográficas

- AZEVEDO, Fernando Antônio. *As Ligas Camponesas*. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1982.
- MONTENEGRO, Antônio Torres. *As Ligas Camponesas às vésperas do Golpe de 1964 in: Projeto História*. São Paulo, n.º. 29, tomo 02, 2004. pp. 391 – 416.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2002.
- FURTADO, Celso. *A Fantasia desfeita*. 3ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

SCHLESINGER JUNIOR, Arthur M. *Mil dias: John Kennedy na Casa Branca*. Vol. 1. Tradução
Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira